

O RENASCER VIANENSE

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA VIANENSE DE LETRAS

ANO III Nº 9 VIANA-MA, MAIO DE 2005



Editorial

A HISTÓRIA E O FUTURO

Duas datas históricas merecem ser destacadas nesta edição do nosso jornal: a criação da Comarca de Viana e a elevação da Vila à categoria de cidade.

A Comarca de Viana foi criada em 29 de abril de 1835, constituindo-se, portanto, como uma das mais antigas do Estado, com 170 anos de existência. Essa antiguidade da nossa comarca revela a importância cultural, política e econômica que a Vila de Viana sempre representou no cenário do Maranhão.

A segunda comemoração reporta-se à elevação da Vila à categoria de cidade, fato ocorrido em 1855.

Em uma cidade do porte de Viana, com um lastro cultural vasto, sempre há alguma data comemorativa que nossa memória não pode deixar no esquecimento. Um povo sem memória perde a sua identidade.

Mas essa respeitabilidade histórica não deve servir de empecilho para voltarmos o olhar para o futuro. Não se pode caminhar com o olhar só no espelho retrovisor.

O futuro que almejamos implica no atendimento de nossas reivindicações, acumuladas ao longo de muito tempo. Precisamos de uma administração voltada para o planejamento, sem o clientelismo que emperra como tem emperrado até hoje o nosso desenvolvimento.

No aspecto das letras, reivindicamos para nossa Academia uma sede que ateste ao público nossa existência. E essa iniciativa não é para satisfazer interesse individual de quem quer que seja, mas o interesse público, pois já tivemos, por lei municipal, o reconhecimento como órgão de utilidade pública. Com tantos patronos ilustres, com projeção estadual e nacional, nossa Academia precisa ser destacada para que sirva de apoio à juventude estudantil vianense.

A Biblioteca Pública é nossa outra grande preocupação. O Farol da Educação praticamente se acabou. Muitos livros foram desviados. Importa que a Biblioteca Pública seja mantida em funcionamento permanente, com computadores para consultas e, sobretudo, bem dirigida por pessoa dedicada e competente.

Temos insistido em nossos editoriais sobre a necessidade de termos uma administração técnica, voltada para um planejamento cultural e urbano que satisfaça as exigências mínimas para a cidade apresentar-se com a respeitabilidade que merece.

Que seja, portanto, nosso passado motivo de inspiração para pugnarmos por um futuro consentâneo com nossa tradição cultural.

CASA DO SR. JOÃO TRINDADE

FOTOS: LUIZ ALEXANDRE RAPÓSO



À esquerda, vista interior da residência colonial, destacando-se ao fundo os armários embutidos na parede. À direita, o Sr. João Trindade e sua esposa, D. Jacineiva, falecida no ano passado.

Esta aristocrática residência, revestida de azulejos e famosa pelas bandeiras de suas portas internas, que exibiam vitrais coloridos, pertencia aos Borges, uma das mais ricas e tradicionais famílias vianenses do século passado.

Mais tarde, chegou em Viana o Sr. Zebino Pacheco do Amaral, que adquiriu a casa para residir com a família. O novo proprietário fez algumas ampliações nos fundos do imóvel e construiu um grande salão para o seu comércio. O Sr. Zebino e D. Santinha, sua esposa, tiveram muitos filhos, sendo o mais conhecido deles o professor José Maria do Amaral, dono por muito tempo de um famoso curso pré-vestibular em São Luís.

A residência dos Amaral tornar-se-ia local preferido para festas e bailes carnavalescos da sociedade vianense, nas décadas de 30 e 40. Também entraria para a história por ter sido palco do primeiro acidente aéreo ocorrido na cidade: durante uma noite escura, apareceu um avião monomotor perdido que, depois de assustar e semear o pânico na população local com sobrevoos rasantes, acabou caindo sobre a cerca dos fundos do quintal da casa.

Graças à sensibilidade e cuidados do Sr. João Trindade, seu atual proprietário, este imóvel - que hoje é um dos raros exemplares do nosso rico passado colonial - apresenta-se em perfeito estado de conservação.

POSSE DE NOVO ACADÊMICO

Às 20 horas do próximo sábado (dia 28), na Igreja Matriz, acontecerá a cerimônia de posse do mais novo membro da Academia Vianense de Letras, José Estêvão Maia (Estêvão Maya-Maya), cantor, compositor, ator, poeta e maestro.

Estêvão Maya-Maya tomará assento na Cadeira de nº 23, patronada pelo competente professor e, também, cantor e compositor, João de Parma.

Dono de uma voz privilegiada, o novo imortal brindará os conterrâneos presentes à sua posse com a interpretação de cinco peças sacras, sendo as três últimas de autoria do famoso compositor vianense, Raimundo Nogueira.

A AVL espera contar com expressiva presença da comunidade local a este ato solene de exaltação da música erudita vianense.

AVL terá audiência com o prefeito Rilva Luís

Aproveitando a oportunidade da realização de sua primeira reunião de 2005, em Viana, a Academia Vianense de Letras agendou uma audiência com o prefeito Rilva Luís.

No encontro, marcado para a manhã do sábado (28/05), será apresentado ao novo chefe do Executivo Municipal um pequeno resumo dos trabalhos desenvolvidos em prol da educação e da cultura de nossa cidade, pela AVL, nos três anos de sua existência. Os intelectuais vianenses esperam contar, doravante, com maior apoio da Prefeitura aos objetivos e projetos desta Academia, incluindo a doação de um local para instalação de sua sede.

Indignação é obra dos fortes. Omissão é a virtude dos pusilânimes.

Heitor Piedade Júnior

O Renascer Vianense, em sua 4ª edição (novembro de 2003), publicou, na 4ª página, uma lamentável (mas necessária e indispensável) denúncia, intitulada "Acervo Sacro Dilapidado" do Padre Eider Furtado da Silva.

Nessa oportunidade, esse profeta dos tempos modernos - pois a expressão "profeta" não é apenas aquele que prediz, mas o que denuncia a verdade, ou que fala em nome de outrem, como o fizeram João Batista, provocando a ira de Herodes, e todos aqueles do Antigo Testamento - denunciou, em carta endereçada ao "Comitê de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico Cultural, Paisagístico e do Meio Ambiente de Viana", o que "havia constatado na Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Viana", ou seja, o desaparecimento de cerca de catorze peças sacras, de valor inestimável.

Não tenho conhecimento se foi tomada alguma providência por essa instituição de defesa de nosso patrimônio histórico, destitatória da missiva...

Passado algum tempo, em reunião da Academia Vianense de Letras, em São Luís, na residência do então presidente, Dr. Lourival Serejo Souza, discutiu-se o assunto do desaparecimento desses objetos sagrados das igrejas de Viana. Com o objetivo de resguardar a responsabilidade das gerações contemporâneas ao fato, acordou-se que a A.V.L. faria um documento, denunciando esse sacrilégio aos órgãos responsáveis pela defesa e resguardo do patrimônio

cultural do Estado.

O fato de não se saber, com absoluta certeza, por que mãos sacrílegas foi dilapidado esse patrimônio sagrado ou da ausência de provas cabais e irrefutáveis sobre quem poderia ter sido seu autor, não obstaculiza o registro do fato criminoso.

Roberto Benigni, cineasta italiano, adverte-nos de que "Se não temos memória, se não nos recordamos dos fatos, ficaremos sempre como animais - e não teremos futuro nunca".

Nesse sentido, caso nenhuma iniciativa de registro perante qualquer órgão competente tenha sido providenciado até a presente data, proponho à Academia Vianense de Letras que, em sua próxima reunião, tendo em vista seu programa de ativação da memória da cidade, firmasse um documento encaminhando-o ao referido Conselho, ao Registro de Títulos e Documentos ou a qualquer órgão competente, de natureza institucional, comprometido com a história e a cultura de nossa terra, sobre o denunciado desaparecimento dessas peças históricas, que ficaram e continuam ocultas em sombrios e clandestinos cárceres.

Essas imagens, castiçais, crucifixos, pias e rosários eram testemunhas de valor muito superior à madeira, ao metal, ao mármore, ao ouro e à prata de que se constituíam. Testemunhavam um passado que muito orgulhou e continua orgulhando os filhos de Viana.

Se continuarmos em nossa triste omissão, virtude dos pusilânimes, poderemos um dia nos tornarmos vítimas da maldição de Maiakovski;

*"Na primeira noite, eles se aproximam
e colhem uma flor de nosso jardim
e não dizemos nada.*

*Na segunda noite, já não se escondem:
Pisam as flores, matam o nosso cão,
E não dizemos nada.*

*Até que um dia, o mais frágil deles
Entra sozinho em nossa casa,
Rouba-nos a lua e,
Conhecendo nosso medo,
Arranca-nos a voz da garganta.
E porque não dissemos nada,
Já não podemos dizer mais nada".*

Reivindicações Culturais

No intuito de restaurar a identidade cultural de Viana, vítima de tantas depredações, passaremos a expor, neste jornal, nossas reivindicações, dirigidas principalmente aos senhores vereadores e ao senhor Prefeito Municipal.

Dessa forma, propomos:

1. A substituição das placas nominativas das ruas por novas placas de melhor qualidade estética e visual;
2. O retorno da largura original das calçadas das Ruas Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e transversais, nos mesmos padrões antigos, estabelecendo-se definitivamente o sistema de mão única para o trânsito de veículos;
3. Aprovação de lei municipal que proíba a cobertura asfáltica das pedras e paralelepípedos das principais ruas que compõem o centro histórico da cidade, mais precisamente a Antônio Lopes, Coronel Campelo, Cônego Hemetério e adjacências;
4. A designação de logradouros públicos com os nomes dos vianenses **Astolfo Serra** (padre, escritor, historiador e interventor do Maranhão), **Manuel Lopes da Cunha** (pai dos irmãos Antônio e Raimundo Lopes e também Governador do Estado) e **Raimundo Lopes** (escritor, etnógrafo, arqueólogo e historiador);
5. A edificação de um monumento na Praça Ozimo de Carvalho, para, como se fosse um *Pantheon*, homenagear os vultos ilustres de Viana;
6. A volta da exposição permanente, em local apropriado, dos sinos da Igreja Matriz, verdadeiras relíquias históricas, atualmente esquecidos no Palácio Episcopal.

A Baronesa da Educação Vianense

MARIA ANTONIA GOMES COSTA

Joaquim Gomes

A novela Senhora do Destino, exibida recentemente pela Rede Globo, em horário nobre, chegou ao fim com muita repercussão e apresentando índices de audiência recordes. O segredo para esse sucesso atribui-se a um conjunto de fatores que vai desde a escalação do elenco, chegando à trama propriamente dita. A novela apresentou, ao grande público, diversos temas e soube explorá-los com maestria. Dentre os temas, destacamos o Mal de Alzheimer, que acomete homens e mulheres na faixa etária dos sessenta anos. Na novela, a atriz Glória Menezes viveu o papel de uma Baronesa. Uma mulher fina, educada e que sofria desse mal, deixando-a confusa e alheia às coisas em sua volta. A Baronesa era uma mulher que carregava virtudes e sempre estava pronta para ajudar as pessoas. O seu tom doce, os cabelos embranquecidos, pelo passar do tempo, o amor vivido com o Barão e a grandeza da atriz a tornaram uma personagem querida e admirada por todos.

Deixemos a Baronesa da ficção e tomemos uma senhora da vida real, cujo destino lhe pregou esta peça: desenvolver o Mal de Alzheimer, tal como aconteceu com a Baro-



nesa. Trata-se da senhora Maria Antonia Gomes Costa, pessoa querida e amada por todos. Uma mulher lutadora, que se apresentava a todos com vigor e alegria. A Tia Maria Antonia - assim eu a chamava, foi uma pessoa que expandia jovialidade e pensamento positivo. A sua grande preocupação foi com os jovens e parecia ser eternamente jovem. Aqueles que a conheceram ou puderam privar da sua companhia jamais esquecerão o seu jeito espontâneo, alegre e prestativo.

Na cidade de Viana, onde nasceu, cresceu e passou maior parte de sua vida, deixou sua marca como educadora, política e amiga.

No Colégio São Sebastião,

que dirigiu por muitos anos, dispensava um olhar a cada aluno. Com a voz firme e potente, à frente dos alunos, entoava, gesticulando os braços e as mãos, hinos e cânticos de boa acolhida.

Como mulher, não se deixava abater diante das convicções masculinas, demonstrando a capacidade, a inteligência e as virtudes de caráter da mulher.

Como dona de casa, foi zelosa com seus filhos e marido, oferecendo uma educação familiar pautada na convivência salutar e no respeito aos valores morais e éticos.

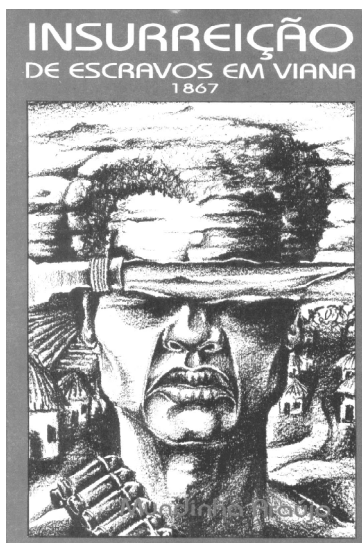
A Baronesa de a Senhora do Destino encerrou o seu papel fazendo uma viagem para a Europa. A nossa Baronesa, a Baronesa da Educação e da Juventude, cumpriu o seu script, aqui na terra, até o seu último instante. Deus, com a sua sabedoria, soube poupá-la de muitas tristezas. O Alzheimer, nesse caso, foi remédio para quem sempre encontrou na vida motivos para vivê-la. E agora nada mais justo se a Academia Vianense de Letras a tornasse mais viva, homenageando a Profª Maria Antonia Gomes Costa, com uma cadeira de seu patronato, por tudo que ela foi. É mais do que merecido. Aqui fica o meu pedido.

Insurreição de Escravos em Viana (1867)

No século XIX, Viana se tornou palco de uma das maiores insurreições de escravos acontecidas no Brasil. É o que nos revela o livro "Insurreição de Escravos em Viana", de autoria de Mundinha Araújo.

Formada em Comunicação Social e pesquisadora da cultura negra no Maranhão, Mundinha Araújo se encontra nesta cidade, a convite da AVL, para proferir uma palestra sobre o assunto à comunidade vianense. O evento acontecerá na Igreja Matriz, às 20 horas deste sábado (28/05), antes da cerimônia de posse de Estêvão Maya-Maya.

Mundinha conta que a idéia de escrever o livro surgiu, em 1980, quando pesquisava no Arquivo Público de São Luís e deparou-se, casualmente, com um exemplar do jornal "Cidade de Pinheiro", datado de 1955, no qual havia uma referência sobre a "revolta dos pretos de Viana". A partir



daí, iniciou um trabalho de pesquisa direcionado ao tema, o que lhe obrigaria a visitar Viana, em 1990, a fim de concluir sua pesquisa nos cartórios da cidade.

Segundo a autora, a revolta armada dos escravos, em Viana, foi uma das maiores ocorridas no Brasil, no pe-

ríodo da escravidão. As insurreições dos negros, ocorridas em outros Estados, na maioria das vezes nem chegavam realmente a se concretizar. Eram logo sufocadas pelo poder. Aqui em Viana foi diferente. Os escravos, em número inicial de cento e cinquenta, saíram do quilombo São Benedito do Céu e foram recrutando outros escravos nas fazendas que encontravam pelo caminho. Fizeram prisioneiro o administrador da Fazenda Santa Bárbara e lhe obrigaram a redigir um comunicado, dirigido às autoridades do Município, avisando que "estavam em campo para buscar a liberdade dos cativos" - esclarece a pesquisadora.

Fartamente documentada, a obra foi lançada pelo SIOGE, em 1994, mas somente agora Mundinha Araújo terá oportunidade de apresentar, aos vianenses, um capítulo dos mais importantes da história desta cidade.

UM ACADÊMICO, UM PATRONO

ARISTIDES SIMAS COELHO DE SOUSA

Luiz Alexandre Rapôso

Nascido em Viana, no dia 10 de agosto de 1922, o filho primogênito do casal, Levi Coelho de Sousa e Catarina Simas Coelho de Sousa, recebeu na pia batismal o nome de Aristides, em homenagem ao avô paterno, o famoso advogado Aristides Augusto Coelho de Sousa.

Como todo menino de sua época foi matriculado no Grupo Escolar Estêvão Carvalho, onde concluiria o curso primário, depois de passar pelo crivo de célebres professoras vianenses como Faraíldes Campelo, Edith Nair, Benedita Balby e Zélia Cunha Lauleta.

Aos doze anos, o garoto foi encaminhado para São Luís, a fim de prestar exame de admissão ao ginásio, no Colégio Ateneu Teixeira Mendes. Aprovado, tornou-se aluno interno dessa instituição de ensino maranhense que, em 1935, funcionava num sobrado da Rua Herculano Parga, em frente ao atual Convento das Mercês. Na série seguinte, transferiu-se para o Colégio de São Luís, concluindo ali o curso ginasial.

Do tempo feliz e despreocupado

de estudante, ficariam perpetuadas na memória do jovem Aristides as férias escolares passadas em Viana, quando tinha oportunidade de retornar ao aconchego familiar e de desfrutar os prazeres próprios da juventude: a tradicional queima de fogos do boi, no final de junho, que acontecia na esquina de sua casa; a prestigiosa festa de N. S. da Conceição, no largo da Matriz, ou os animados e inesquecíveis bailes de carnaval.

Em 1940, aos 18 anos, Aristides embarcou para a Bahia com o propósito de preparar-se para o ingresso na Universidade. O pai queria que ele cursasse Medicina, mas a carreira jurídica já lhe despertava maior interesse. Em Salvador, porém, os planos de estudos seriam adiados por um bom período, em consequência do início da II Guerra Mundial e por ter sido sorteado, naquele ano, como um dos rapazes vianenses a servir o



Exército. Do 24º BC partiu a ordem para que se apresentasse no 19º BC, já que o jovem maranhense se encontrava estudando na capital baiana.

O então adolescente vianense escapou por pouco de não ser enviado para a Europa, como um dos milhares de recrutas que o Brasil

enviaria para o centro do conflito mundial. A aprovação para o CPOR (Centro de Preparação de Oficiais de Reserva), e o consequente estágio na vizinha Aracaju, o livraram da lista do 3º escalão de soldados da histórica Força Expedicionária Brasileira, a embarcar para a Itália.

Em 1947, portando a patente de 2º Tenente, Aristides retornava a São Luís para logo depois prestar concurso ao Banco do Estado do Maranhão. Em 08/12/1960, depois de graduar-se em Direito, assumiu o cargo de advogado do BEM. Nesse meio tempo ingressou na carreira do

magistério, ministrando aulas de Matemática e Direito Comercial no antigo Centro Caixaerial. O currículo desse imortal vianense inclui ainda passagens pelo Banco da Amazônia (quando trabalhou como advogado na capital do Estado de Roraima, Porto Velho, e no interior do Maranhão) e a direção da Comarco – Companhia Maranhense de Colonização de Terra (atual Iterma) – durante o governo Nunes Freire. Na gestão seguinte, foi nomeado pelo Governador João Castelo como Juiz Auditor da Justiça Militar, quando então se aposentou, pela compulsória, aos 70 anos de idade.

Casado, desde 1948, com a senhora Regina Célia da Costa Sousa e prestes a completar 83 anos, Aristides Simas Coelho de Sousa exerce ainda a advocacia em escritório domiciliar e participa ativamente da Maçonaria. No ano passado, lançou “Exortação”, um livro no qual reuni sonetos e discursos de sua autoria. Membro das Academias Maçônica Maranhense e Vianense de Letras ocupa, nesta última, a Cadeira de nº 20, patroneada pelo avô, Aristides Augusto Coelho de Sousa.

CELSO MAGALHÃES

Um intelectual à frente de seu tempo

Maria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro

No dia 11 de novembro de 1849 nascia Celso Tertuliano da Cunha Magalhães, na Fazenda Descanso, então município de Viana. Filho do Tenente Coronel José Mariano da Cunha (deputado no biênio 1848/1849) e de D. Maria Quitéria de Magalhães Cunha, o menino estudou as primeiras letras com seus avós maternos Manoel Lopes de Magalhães e Maria Cecília Duarte Magalhães, em Viana.

Crescendo num clima de efervescência cultural, - provocado pelo novo ciclo econômico promissor por que passava o Estado, quando surgiria uma plêiade de intelectuais maranhenses, como João Lisboa, Gonçalves Dias, Gomes de Souza, Odorico Gomes, Sotero dos Reis e outros, os quais dariam ao Maranhão o título de Atenas Brasileira, - é natural que o adolescente vianense se deixasse atrair pelo fascínio das letras. Assim, em 1867, aos 18 anos, quando ainda residia em Viana, Celso iniciou sua vida literária no *Semanário Maranhense*, da capital, onde publicaria alguns poemas de sua autoria: *Vem, Não Tardes e Para Ela* (17/11), *Desânimo* (24/11/), *O Currupira e Adeus* (22/12/), *O Escravo e O Avaro* (29/12).

Em Viana, enquanto ultimava os preparativos para a viagem em busca da formatura, traduziu para o português os poemas *O Menino Cego*, de Gout Desmarts e *A Minha Casaca*, de autoria do francês Michel Sedaine. Suas versões para as duas poesias famosas igualmente foram publicadas, em São Luís, pelo *Semanário Maranhense* (28/04 e 10/05 de 1868, respectivamente).

Em maio de 1868, Celso mudou-se para a capital pernambucana, a fim de ingressar na Faculdade de Direito do Recife. Ali passaria a colaborar na revista estudantil *Oiteiro Democrático*, escrevendo, nesse

mesmo ano de 1868, a comédia *Cerração no Bolso*. Não se descuidando nunca da poesia, compôs o poema dedicado a uma jovem e denominado apenas por “A”, bem como o imortal *Os Calhambolas* que refletia a insurreição dos escravos de Viana, acontecida em maio de 1867. Também traduziu vários poemas famosos como *Ophélia*, de H. Muger (1869), entre outros. Apaixonado pelo folclore brasileiro, o jovem acadêmico publicou *A Poesia Popular Brasileira* no jornal *O Trabalho*. Ainda em Recife, escreveu para o *Correio Pernambucano* e outros periódicos locais.

Segundo Antônio Lopes, que era seu sobrinho, Celso Magalhães escrevia romances, poesias e artigos jornalísticos de todo gênero. Enquanto estudava em Recife, enviava farto material literário para os jornais de São Luís. Dessa forma, assinando sob o pseudônimo de Giacomo de Martorello, publicaria em 1870 e 1873, respectivamente, as novelas *Ela por Ela* e *Pelo Correio*, em folhetins dos jornais *O País* e o *Diário do Maranhão*. Em 1870, o talentoso estudante teve sua obra poética, *Versos*, transformada em livro. O único publicado em vida.

Em 22/11/1873 bacharelou-se em Direito, retornando no mesmo ano ao Maranhão. Após visitar sua cidade natal, Viana, Celso recebeu das mãos do próprio presidente da província, José Francisco de Viveiros, a nomeação para Promotor Público da Capital. Sua capacidade jurídica e seu reconhecido valor intelectual logo fizeram saltar, aos olhos de seus contemporâneos, o pro-



fissional de mente brilhante e elevado senso de justiça. Em São Luís, além do afinho e amor ao trabalho, levava uma vida social movimentada, participando ativamente dos sa-raus, concertos, eventos políticos e literários da época.

Em 9 de dezembro de 1876, começou a atuar na apuração do crime que tinha como acusada D.

Anna Rosa Vianna Ribeiro, esposa do influente político e médico Dr. Carlos Ribeiro (futuro Barão de Grajaú). Acusada pelo crime de homicídio, executado a seu mando, e que vitimara um pequeno escravo de nome Inocêncio, D. Anna Rosa foi denunciada pelo destemido promotor e levada a julgamento pelo Tribunal do Júri. Celso Magalhães requereu ainda sua prisão provisória, fazendo com que a ilustre senhora permanecesse encarcerada até o julgamento, ocorrido em fevereiro de 1877. Como era de se esperar, devido o grande prestígio da ré, D. Anna Rosa foi absolvida. Mais uma vez, o senso de justiça do íntegro promotor lhe fez apelar ao Tribunal da Relação, pedindo a nulidade do julgamento. Naturalmente seu recurso foi negado.

No dia 29 de março de 1878, arbitrariamente, enquanto presidente interino da província, o Dr. Carlos Ribeiro (esposo da acusada) exonerou *ex officio* o Dr. Celso Magalhães do cargo de promotor da capital, a bem do serviço público. Do mesmo modo, foi exonerado o delegado que participara do inquérito policial do homicídio de D. Anna Rosa Ribeiro.

Um pouco antes, Celso Magalhães havia contraído núpcias com

D. Amélia Leal Magalhães. Abatido com sua exoneração, esteve em Viana, acompanhado da esposa, por vários meses, quando teve o sofrimento agravado com a morte de seu pai.

Com 30 anos incompletos, quando havia sido indicado para disputar as eleições como deputado, pelo Partido Conservador, para a Assembléia Geral do Império, acometido de febre perniciososa, em São Luís, Celso Magalhães adoeceu às 5 da manhã e morreu às 11 do dia 9 de junho de 1879.

Sem deixar descendentes, a morte prematura do grande intelectual e jurista maranhense causou profunda comoção no seio da imprensa local e de outras províncias. Atualmente, Celso Magalhães é patrono do Ministério Público do Estado do Maranhão e da Cadeira nº 5 da Academia Maranhense de Letras, da Cadeira nº 16 da Academia Maranhense de Letras Jurídicas, da Cadeira nº 25 do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e da cadeira nº 12 da Academia Vianense de Letras. No devido tempo, Viana soube prestar significativa homenagem a este seu filho de inigualável caráter, de notável saber jurídico e de grande talento literário ao dar o nome de Celso Magalhães a uma de suas principais ruas.

Indubitavelmente, se Celso estivesse entre nós não sealaria às injustiças sociais que continuam a permear as relações da sociedade, em nosso Município, em nosso Estado e no Brasil. Sua luta, certamente, seria pela efetivação da cidadania, dos direitos humanos e da igualdade social.

*Maria de Fátima Rodrigues Travassos Cordeiro é Promotora de Justiça/MA e Vice-Presidente da Academia Vianense de Letras, na qual ocupa a cadeira nº 12, patroneada por Celso Magalhães. Exerce, também, a Presidência da Associação Brasileira das Mulheres de Carreira Jurídica – Comissão do Maranhão- ABMCJ/MA.

O PASSAR FOGO NO BOI

Ao som das matracas, enquanto durava o bombardeio, os brincantes entoavam um grito de guerra que dizia: *toca fogo, toca fogo, toga fogo/ que eu quero vencer!*

Luiz Alexandre Rapôso

Talvez a maior originalidade dos festejos juninos, em Viana, reside no tradicional costume de passar fogo no boi. Antigamente essa farra acontecia no famoso Canto Grande, ponto obrigatório de passagem dos grupos de Bumba-boi. Todos os anos, a fim de que a promessa fosse bem-cumprida, o boi passava por aquele trecho da Rua Grande, onde o esperava grande concentração de pessoas, afoitas por queimarem centenas de carretilhas e busca-pés. Era uma espécie de desafio. E o boi que se prezasse, enfrentava corajosamente, com seus vaqueiros, aquela cortina de fogo para mostrar seu valor.

Na verdade, os ataques dos fogos começavam bem antes, lá pelas imediações da Farmácia Serejo. Os bois costumavam se concentrar no Canto do Galo, antes de descerem a Rua Grande. Parece que faziam ali uma preparação psicológica para a árdua



batalha que os aguardava. A partir daquela esquina, os integrantes se juntavam mais, formando um grupo coeso, como se quisessem dar e receber maior proteção. À frente, escondido sob a armação do boi e deixando de fora apenas os olhos e o nariz, seguia o brincante que tinha, naquele momento, a penosa tarefa de levar nas costas o alvo principal dos fogos.

Origem do folguedo – Segundo os mais antigos, esse interessante costume teve origem numa tentativa dos moradores da famosa Rua da Ponta de tomar, à força, um boi muito bonito do pessoal do Moquiço. Enquanto o tal boi dançava na Praça da Matriz, a turma da Rua da Ponta se armou com sortida munição de fogos e se postou no quarteirão do Canto Grande para esperar sua passagem. Julgavam que, atordoados pelo ataque repentino de bombas, carretilhas e busca-pés, o pessoal do Moquiço batesse em retirada, abandonan-

IMAGENS REPRODUÇÃO/VIDEO: JOSÉ VENTURA MATOS FURTADO



do o boi no meio da rua. O plano, entretanto, não surtiu o efeito desejado. Tomados de surpresa, os valentes vaqueiros do Moquiço resistiram bravamente ao assalto, não abandonan-

do o boi conforme o esperado. No final das contas, todos gostaram da brincadeira e assim o fato se repetiria pelos anos seguintes

não mais como uma tentativa de tomar o boi, mas apenas para testar a coragem dos vaqueiros e divertir a classe mais abastada da cidade.

Ao som das matracas, enquanto durava o bombardeio, os brincantes entoavam um grito de guerra que dizia: *toca fogo, toca fogo, toga fogo/ que eu quero vencer!*

Terminada a batalha, ao se retirarem eufóricos e extenuados, sob os aplausos e olhares admirados da população, os vaqueiros vitoriosos trocavam de refrão, cantando: *Assim que eu sou, assim que eu sou/ antes de apanhar, eu dou!*

Desconhece-se a época exata em que esse folguedo peculiar do Bumba-boi passou a fazer parte das comemorações do São João local, mas alguns memori-

alistas vianenses remontam para mais de um século a existência da brincadeira. No seu livro de memórias "História de um Menino Pobre", o Dr. Sálvio Mendonça, nascido em 1892, descreve a forma como a farra acontecia na sua adolescência: "... O boi mais famoso de Viana era o do Valentim. Eram feitas as apostas para a passagem do boi pelo Canto Grande, esquina das ruas

Grande e Cônego Hemetério. O valor das apostas era um barril de cachaça. O boi vinha completamente molhado para resistir ao fogo. Os negros, também molhados, vinham descalços

para facilidade dos pulos. Os rapazes se ajuntavam nas esquinas, municiados, e quando o boi do Valentim chegava ao Canto Grande, era cercado pela frente, retaguarda e lados, entre o estrondar das bombas, foguetes, busca-pés e carretilhas, o que constituía bombardeio de muitas horas. Se o grupo do bumba-meu-boi resistia até se esgotarem os fogos, levava o barril de cachaça. No fim da brincadeira, ficava sempre queimado algum dos batalhadores..."

Nos últimos anos, depois de quase uma década esquecida, a tradicional brincadeira ressurgiu com força total, sob a liderança de um pequeno grupo de

vianenses. Iniciativa essa – diga-se de passagem – merecedora dos maiores elogios, pois sempre será louvável qualquer empreendimento que tenha por objetivo a preservação de nossa história

e de nossos costumes. Sem falar no grande potencial turístico que o evento possui e que, se devidamente divulgado e inteligentemente explorado, poderá trazer divisas para a cidade.

Rogério du Maranhão e Betinho Gomes compuseram uma música sobre o tema que, brevemente, será lançada em CD



O RENASCER VIANENSE

Diretor/Redator: Luiz Alexandre Rapôso

Endereço: Rua Antônio Lopes, 459 - Viana - MA
CEP: 65.215-000

